

A psicologia no Brasil: Teoria e pesquisa

2

Ezequiel Martins Ferreira
(Organizador)



 **Atena**
Editora
Ano 2022

A psicologia no
Brasil:
Teoria e pesquisa

Ezequiel Martins Ferreira
(Organizador)

2



Atena
Editora
Ano 2022

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Gabriel Motomu Teshima

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição-Não-Comercial-Não-Derivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial**Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alexandre de Freitas Carneiro – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Ana Maria Aguiar Frias – Universidade de Évora

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa



Prof. Dr. Antonio Carlos da Silva – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Prof^o Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof^o Dr^a Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
Prof^o Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadilson Marinho da Silva – Secretaria de Educação de Pernambuco
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Prof^o Dr^a Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal do Paraná
Prof^o Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^o Dr^a Lucicleia Barreto Queiroz – Universidade Federal do Acre
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Universidade do Estado de Minas Gerais
Prof^o Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^o Dr^a Marianne Sousa Barbosa – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Prof^o Dr^a Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof. Dr. Pedro Henrique Máximo Pereira – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Prof^o Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^o Dr^a Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^o Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof^o Dr^a Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins



A psicologia no Brasil: teoria e pesquisa 2

Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Yaidy Paola Martinez
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizador: Ezequiel Martins Ferreira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P974 A psicologia no Brasil: teoria e pesquisa 2 / Organizador Ezequiel Martins Ferreira. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5983-967-4

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.674220702>

1. Psicologia. I. Ferreira, Ezequiel Martins (Organizador). II. Título.

CDD 150

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br



Atena
Editora
Ano 2022

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



APRESENTAÇÃO

A coletânea *A psicologia no Brasil: Teoria e pesquisa*, reúne neste volume dezoito artigos que abordam algumas das possibilidades metodológicas do saber psicológico.

A Psicologia enquanto campo teórico-metodológico traz em suas raízes tanto a especulação filosófica sobre a consciência, a investigação psicanalítica do inconsciente, quanto a prática dos efeitos terapêuticos da medicina e em especial da fisiologia.

E, desse ponto de partida se expande a uma infinidade de novas abordagens da consciência humana, creditando ou não algum poder para o inconsciente como plano de fundo.

A presente coletânea trata de algumas dessas abordagens em suas elaborações mais atuais como podemos ver nos primeiros capítulos em que se tratam do inconsciente em suas relações com os corpos, as contribuições socioeducativas entre outros olhares para o que é abarcado pelo psiquismo humano.

Em seguida temos alguns temas situacionais de nossa realidade imediata quanto aos efeitos psicológicos do isolamento social e o medo da morte.

Uma boa leitura!

Ezequiel Martins Ferreira

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

CARNAVALIZAÇÃO BAKHTINIANA E “O AUTO DA COMPADECIDA”: A COMICIDADE COMO DENÚNCIA SOCIAL E RESISTÊNCIA POLÍTICA

Larissa de Souza Ferraz

Alice Oliveira Ferreira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6742207021>

CAPÍTULO 2..... 14


FEMINISMO DECOLONIAL: UMA ANÁLISE BIBLIOMÉTRICA NA BASE DE DADOS SCOPUS

Lucas da Costa Souza

Milena Rafaela Souza Silva

Carla Gabrielle Galvão Melo

Eleci Teresinha Dias da Silva


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6742207022>

CAPÍTULO 3..... 26

RESGATAR E TRANSFORMAR: UM GRITO DE SOLTURA QUE ECOA NO BRASIL

Alanna Beatriz de Paula Alves

Juliana Santos Graciani

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6742207023>

CAPÍTULO 4..... 35

NECROPOLÍTICA NO ESTADO BRASILEIRO: QUEM DEVE VIVER?

Maíry Aparecida Pereira Soares Ribeiro


Ondina Pena Pereira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6742207024>

CAPÍTULO 5..... 42

O DIREITO A RESPIRAR DA POPULAÇÃO BRASILEIRA


Hugo Gabriel de Souza Vaz

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6742207025>

CAPÍTULO 6..... 50

A VIOLÊNCIA SEXUAL CONTRA CRIANÇAS E ADOLESCENTES: REFLEXOS DA PANDEMIA

Alessandra Chaves da Silva

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6742207026>


CAPÍTULO 7..... 62

IMPACTOS DA PANDEMIA NA SAÚDE EMOCIONAL DE UNIVERSITÁRIOS DE UMA INSTITUIÇÃO DE ENSINO SUPERIOR BRASILEIRA

Emily Lemes Moisés

Maura Fernandes Sernichiario


Fernando Faleiros de Oliveira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6742207027>

CAPÍTULO 8..... 74

ADOLESCÊNCIA E VIVÊNCIA DO VAZIO EXISTENCIAL EM TEMPOS DE ISOLAMENTO SOCIAL

Anna Julia Fontana

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6742207028>


CAPÍTULO 9..... 89

AS INTERVENÇÕES SOCIAIS EXTERNAS AO QUILOMBO E O IMPACTO DESTA NA AUTOESTIMA DA MULHER AFRODESCENDENTE

Mariane Rodrigues Duarte

Fabricao Malaquias Pereira

Gabriela Buchli


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6742207029>

CAPÍTULO 10..... 111

LAZER COM REFUGIADOS NA CIDADE DE SÃO PAULO (SOCIALIZAÇÃO EM UMA NOVA ETAPA DA VIDA)

Bárbara Cardoso da Costa Santos

Madalena Pedroso Aulicino

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.67422070210>

CAPÍTULO 11..... 122

ENVELHE (SENDO) EM INSTITUIÇÕES DE LONGA PERMANÊNCIA PARA IDOSOS

Nathália dos Santos Dutra

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.67422070211>

CAPÍTULO 12..... 138

PRÁTICAS DE REINTEGRAÇÃO SOCIAL NO BRASIL: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA

Marcos Alexandre Alves

Josiane Fernandes

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.67422070212>

CAPÍTULO 13..... 151

MOVIMENTOS E COLETIVOS DA REGIÃO DO CARIRI CEARENSE ENQUANTO AGENTES DE TRANSFORMAÇÕES SOCIAIS

Bianca Rocha Fiuza Sátiro

Maria Vanessa de Souza Araújo

Nara Raysa de Souza

André de Lima Gomes

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.67422070213>


CAPÍTULO 14..... 156

CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DE POLICIAIS MILITARES: REFLEXÕES

PSICOSSOCIAIS A PARTIR DE CONTEXTOS EDUCACIONAIS E DE TRABALHO

Maria de Fátima Quintal de Freitas

Dênis Wellington Viana


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.67422070214>

CAPÍTULO 15..... 174

ITINERÁRIOS DA EXPERIÊNCIA RELIGIOSA E A FAMÍLIA DE USUÁRIOS DE UM CAPS DE BELÉM: CONTRIBUIÇÕES DA FENOMENOLOGIA

Renata Raiol Magalhães

Lucivaldo da Silva Araújo

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.67422070215>

CAPÍTULO 16..... 185

ANÁLISE DA PERSONALIDADE DE UMA EQUIPE DE CONTABILIDADE: UM ESTUDO PELO TESTE PALOGRÁFICO

Camila Espíndula da Silva

Bianca De Bem Lucas

Edinara Bellini Taetti

Josemara dos Santos Rodrigues


Suélen Rocha Centena Pizarro

Andreia Quadros Rosa

Lenise Alvares Collares

Stefânia Martins Teixeira Torma

Suzana Catanio dos Santos Nardi

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.67422070216>

CAPÍTULO 17..... 196

EPIDEMIOLOGIA OU INDÚSTRIA DE AUTISMO? ANÁLISE DOS EFEITOS PROVOCADOS PELA MUDANÇA NO DSM-V E A BUSCA DE PRÁTICAS TERAPÊUTICAS PARA A “CURA DO AUTISMO”

Alcione do Socorro Andrade Costa

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.67422070217>


CAPÍTULO 18..... 208

O QUE PREDIZ O ENVOLVIMENTO PARENTAL NAS ATIVIDADES ESCOLARES?

Myrian Machado de Paula Silveira

Vinícius Junio Goes da Silva

Leonardo Vasconcellos Munayer

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.67422070218>

SOBRE O ORGANIZADOR..... 216

ÍNDICE REMISSIVO..... 217

CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DE POLICIAIS MILITARES: REFLEXÕES PSICOSSOCIAIS A PARTIR DE CONTEXTOS EDUCACIONAIS E DE TRABALHO

Data de aceite: 01/02/2022

Data de submissão: 10/11/2021

Maria de Fátima Quintal de Freitas

Professora Titular do PPGE/UFPR, Doutora em Psicologia Social pela PUCSP Curitiba-PR
<http://lattes.cnpq.br/4983108112468250>
<https://orcid.org/0000-0002-0414-199X>

Dênis Wellington Viana

Doutorando e Mestre em Educação pela UFPR Curitiba-PR
<http://lattes.cnpq.br/3413408671588291>
<https://orcid.org/0000-0001-5218-1681>

RESUMO: Tornar-se policial militar é um processo que, também, passa pelo contexto educativo. Antes dos atendimentos à população, o policial militar realiza um período de formação profissional. No estado do Paraná, os policiais recém-ingressos passam por uma etapa acadêmica, uma de estágio operacional e após a conclusão desse período é que passam a condição de soldados aptos à prestação de serviços à população. Este capítulo busca compreender, a partir dos contextos educacionais e de trabalho, que aspectos contribuem para a construção da identidade profissional de policiais militares no estado do Paraná. Foram realizadas nove entrevistas em profundidade com policiais militares da cidade de Curitiba com o intuito de compreender aspectos ligados aos seus períodos de formação acadêmica, aos estágios

operacionais e às práticas de atendimento na rua. Os aspectos ligados à construção da identidade foram organizados a partir de três categorias criadas a posteriori: a busca pela profissão e as mudanças de escolaridade, o convívio com outros policiais e os impactos da vida policial militar. Cada um dos eixos foi analisado, tendo a Psicologia Social Comunitária como referencial teórico, a partir das seguintes dimensões psicossociais: condições de trabalho, aspectos educativos e situações cotidianas vivenciadas pelos profissionais, e possíveis impactos no atendimento à população. Foi possível perceber que a busca pela profissão está ligada à necessidade financeira, que as mudanças de escolaridade dos entrevistados não apresentam ligação direta com a profissão de policial militar nem com o atendimento à população; que o convívio com os policiais mais antigos é indicado como um importante elemento de aprendizagem, mas carente de uma mediação reflexiva; e que os impactos da vida policial se refletem em mudanças consideráveis no modo como os policiais militares passam a vivenciar suas relações sociais para além da profissão.

PALAVRAS-CHAVE: Educação formal; educação não formal; educação informal; práticas cotidianas; Segurança Pública.

ABSTRACT: Becoming a military police officer is a process that also involves the educational context. Before attending the population, the military police perform a period of professional training. In the state of Paraná, newly admitted police officers go through an academic stage, an operational stage, and after the end of

this period, they become soldiers able to provide services to the population. This chapter seeks to understand, from the educational and work contexts, which aspects contribute to the construction of the professional identity of military police officers in the state of Paraná. Nine in-depth interviews were conducted with military police officers in the city of Curitiba in order to understand aspects related to their periods of academic training, operational stages and street service practices. Aspects linked to the construction of identity were organized from three categories created a posteriori: the search for the profession and changes in education, living with other police officers and the impacts of military police life. Each of the axes was analyzed, having Community Social Psychology as a theoretical framework, based on the following psychosocial dimensions: working conditions, educational aspects and daily situations experienced by professionals, and possible impacts on serving the population. It was possible to notice that the search for the profession is linked to financial need, that the changes in education level of the interviewees do not have a direct connection with the profession of military police nor with the service provided to the population; that the interaction with senior police officers is indicated as an important element of learning, but lacking in reflective mediation; and that the impacts of police life are reflected in considerable changes in the way military police officers start to experience their social relationships beyond the profession.

KEYWORDS: Formal education; non-formal education; informal education; everyday practices; Public security.

INTRODUÇÃO

A identidade e os processos grupais podem ser considerados categorias fundamentais para os estudos, as pesquisas e as práticas em Psicologia Social Comunitária (VIEIRA-SILVA, 2015; CIAMPA, 1984; LANE, 1984 mais autores). Tais categorias estão mutuamente imbricadas: não há como falar de identidade sem ter como parâmetro um grupo de referência, seja para afirmá-lo, contradizê-lo ou reafirmá-lo, uma vez que a construção identitária se dá na relação com outro (LANE, FREITAS, 1997).

Ao construírem uma identidade do grupo, ao lhe atribuírem um significado social e ao se sentirem pertencentes ao grupo, as pessoas podem, então, construir as suas identidades individuais, conseguindo ter referências para si próprias na vida social e atribuindo um significado social para a sua existência (LANE, FREITAS, 1997, p. 307).

As relações de diferença e de igualdade constituem-se em um primeiro fator identitário a ser considerado (CIAMPA, 1984). Especificamente no caso dos policiais militares, o pertencimento à corporação costuma trazer à tona sentimentos de alto prestígio pessoal e de distinção em relação aos não policiais militares, ou seja, aos civis. Estabelece-se uma fronteira entre aquilo que é próprio aos policiais militares - e só este grupo vive, compreende e compartilha - e aos outros que são percebidos como civis. Diferentemente dos civis, os policiais militares possuem elementos marcantes que os distinguem: visualmente o uso da farda e a ostensividade da presença da arma de fogo trazem impactos em quem

a veste e em que a vê; e ainda, a pressão social compartilhada de que cabe ao policial a tarefa e a responsabilidade de resolver quaisquer problemas. A título de exemplo, quando uma pessoa enfrenta uma situação conflituosa (um acidente, uma briga, um tumulto, um desastre natural, etc.) sua reação é a de ligar para a polícia. Por sua vez, o que faz um (a) policial ao se deparar com tais situações e que alternativas teria? Em verdade, esse (a) policial precisa dar soluções e resolver, de alguma maneira, aquilo que se apresenta a ele (a): não tem mais a quem recorrer, a não ser a si próprio e ao (à) seu (sua) companheiro (a), com quem, cotidianamente, realiza as atividades de trabalho.

Se de um lado, devemos analisar o sujeito policial militar, a partir da corporação a que pertence, não podemos esquecer que “toda análise que se fizer do indivíduo terá de se remeter ao grupo a que ele pertence, à classe social, enfocando a relação dialética homem-sociedade, atentando para os diversos momentos dessa relação” (LANE, 1984, p.84). Isto nos remete a pensar sobre o contexto específico no qual olhamos para este sujeito. Pode-se, então, perguntar sobre quais os movimentos da História- social, econômica e política - em que esse profissional está inserido e da qual faz parte. Isso significa considerá-lo como construindo e sendo construído pela própria história, e cujo processo produz repercussões em sua biografia e trajetória pessoal.

Ciampa (1984) refere-se a esta múltipla determinação no processo identitário, ao dizer que

em cada momento de minha existência, embora eu seja uma totalidade, manifesta-se uma parte de mim como desdobramento das múltiplas determinações a que estou sujeito. (...) [N]em eu compareço frente aos outros apenas como portador de um único papel, mas sim como o representante de mim (CIAMPA, 1984, p. 67).

Isto nos faz pretender analisar quais os papéis desempenhados, quais as crenças e quais os valores que conferem aos policiais militares o pertencimento à sua corporação e, ao mesmo tempo, sua diferenciação em relação aos demais membros da sociedade a que pertencem. Como bem assinala Lane (1984), precisamos estar atentos ao fato de que “o estabelecimento de papéis a serem desempenhados [pode] levar à sua cristalização, (...) sob a forma de crenças e valores que mantêm a diferenciação social, visto estar fundamentada na distribuição social do conhecimento e na divisão social do trabalho.” (LANE, 1984, p.83).

Em pesquisa, realizada por Minayo, Souza e Constantino (2008), com policiais militares cariocas, notou-se um forte espírito de corpo, ou seja, um sentimento de pertencimento e de internalização das propostas da cultura corporativa a que pertencem, sem deixar de notar uma rigidez excessiva por parte de superiores hierárquicos. Ao mesmo tempo, “a imagem que um policial militar tem de si é permanentemente edificada sobre um conjunto de movimentos interativos com a realidade que vivencia: com a instituição (...) e com a sociedade que aplaude ou reage às práticas policiais, construindo avaliações e

interpretações”. (MINAYO, SOUZA, CONSTANTINO, 2008, pp. 154-155).

Em estudos realizados a respeito das condições de vida e trabalho dos policiais militares (MENANDRO, SOUZA, 1996; FREITAS, PERES, GOEDERT, 2015), encontrou-se um conhecimento desses profissionais sobre a avaliação negativa que sofrem por parte da sociedade, com relação à sua profissão; como também a percepção de que seus grupos de referência, como família e amigos, valorizam e enaltecem a profissão policial destacando mais aspectos ligados às iniciativas pessoais.

Em uma pesquisa sobre cotidiano e a identidade dos docentes, a qual pode ser transposta para análise da realidade da profissão policial militar, Freitas (2003) indicou a necessidade de perceber que outros atores sociais, para além da profissão a que se pertence, passam por dificuldades de ordem similar. Tais situações não refletem “... um problema ou dificuldade de ordem individual e de capacidade ou de aptidão, mas sim historicamente referenciada, (...) [d]aí que as estratégias de sobrevivência e de enfrentamento, necessariamente, passam pelo fortalecimento de uma rede de relações compartilhadas.” (FREITAS, 2003, pp. 148-149)

Policiais Militares paranaenses, inseridos em programas de pós-graduação *stricto sensu*, têm se dedicado, em suas pesquisas de mestrado e/ou doutorado, a analisar as relações entre a profissão policial militar e os processos educativos (PEROVANO, 2006; BLASIUS, 2008, 2014; KARPINSKI, 2008; PERES, 2016, 2019; GOEDERT, 2016; VIANA, 2018). Mais do que o fato de terem sido realizadas no mesmo Programa de Pós-Graduação – em Educação – essas pesquisas têm em comum o fato de terem se voltado à compreensão sobre a profissão policial militar e suas interfaces com o público-alvo do trabalho de tais profissionais, que é a própria sociedade.

Derenusson e Jablonksi (2010) indicam que a formação policial e o desempenho das funções típicas da profissão são marcadores relevantes no processo de constituição da identidade de policiais militares. Apesar desta influência, pode-se entender esse processo como uma possibilidade de compreender que a construção das identidades torna-se relevante para reflexões a respeito das práticas profissionais gestadas em contextos educativos formais, informais e, também, não formais. Ou seja, formação, prática cotidiana e construção de identidade não podem ser categorizadas linearmente dentro de um parâmetro causa-consequência, mas sim, como elementos mutua e dialeticamente ligados (GADOTTI, 2005; GOHN, 2006).

A pesquisa de Viana (2018) buscou compreender de que forma a frase repetida por policiais paranaenses - “se aprende a ser polícia na rua” -, verbalizada no contexto de suas vivências cotidianas, se efetiva em seus processos formativos. Uma das conclusões é que os aprendizados, importantes para a construção da identidade profissional de policiais militares, acontecem no contexto da informalidade da/na rua, e também no contexto mais formalizado da preparação educacional acontecida dentro da academia policial.

Para a construção de um instrumento mais próximo da realidade concreta dos

policiais, realizaram-se conversas informais com dois policiais militares, com mais de 20 anos de trabalho na instituição militar. A análise dessas entrevistas permitiu a construção de um “tópico-guia” (Merlino, 2009), orientado para essa questão central relacionada as aprendizagens para além dos espaços formais.

Foram realizadas nove entrevistas em profundidade com policiais militares da cidade de Curitiba no final do segundo semestre de 2017. A pesquisa seguiu os procedimentos éticos necessários, obtendo autorização do Comando da Polícia Militar do Paraná e a aprovação do Comitê de Ética da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR). Foi disponibilizado ao participante o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), sendo todos informados de que poderiam, a qualquer momento, se recusar a dar continuidade às respostas.

A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DE POLICIAIS MILITARES

A partir das nove entrevistas, identificadas com a letra E, seguidas de um número para diferenciar os participantes, pudemos selecionar trechos relacionados à temática da construção da identidade profissional do policial militar, os quais foram organizados em três categorias *a posteriori*: a busca pela profissão e as mudanças de escolaridade, o convívio com outros policiais e os impactos da vida policial militar.

A BUSCA PELA PROFISSÃO E AS MUDANÇAS DE ESCOLARIDADE

O fator econômico é relevante para o ingresso na Polícia Militar, uma vez que a estabilidade do concurso público é entendida como uma possibilidade ante aos cenários de desemprego.

Eu acho que devido à situação de quem está entrando na polícia vir mais uma questão de emprego do que aquela vontade de defender a população... temos muitos aí que entram, até conversando: “Eu entrei na polícia, porque eu estava desempregado!” (E2)

Para mim era tudo novo (...). Eu já tinha passado em outros dois concursos, estava esperando me chamarem (...). Eu fiz a inscrição, eu tinha estudado um pouco e como eu tinha feito o cursinho há pouco tempo para outro concurso... mas só que levou um tempo para me chamarem. Eu estava até perdendo a esperança... (E5)

Dois pontos merecem atenção nos trechos aqui apresentados: o policial como concurseiro¹ e a busca da profissão como fator para evitar o desemprego. Eles estão intimamente relacionados, uma vez que a cada ano em que os concursos públicos para soldados da Polícia Militar são abertos ocorre um acréscimo significativo no número de concorrentes. Os dois últimos concursos para soldados policiais militares no estado do Paraná foram realizados anos de 2009 e de 2012. O concurso de 2009 teve 58.101 inscritos

¹ Trata-se de uma expressão usada em contexto coloquial. Segundo o dicionário online Michaelis (2020), refere-se a pessoas que frequentemente prestam concursos públicos.

com uma relação de 52 candidatos por vaga, e no ano de 2012 foram inscritos 106.543 com uma relação de 24 candidatos por vaga. Essa diferença no número de candidatos em função do número de vagas, explica-se pelo fato de que, no concurso de 2012, o número de vagas foi 4.445, e no concurso de 2009 foi de 1.100 vagas. (PARANÁ, 2019).

O último concurso para soldados foi realizado em 2012 e as chamadas de candidatos continuaram a ser realizadas nos anos seguintes, fazendo com que o tempo de espera entre a aprovação no concurso e chamada para o início do curso tenha um tempo bastante variado em função da classificação de cada candidato e do número de chamadas realizadas. O novo concurso aberto em 2020, devido à Pandemia COVID-19 encontra-se, no momento, ainda no último quadrimestre de 2021, em fase de realização com 137.377 inscritos para 2.000 vagas (PARANÁ, 2021).

Eu fiz o primeiro concurso, e graças a Deus, já passei de primeira. (...). Um choque de cultura muito grande, né. Eu morava no sítio, na roça e estudava na cidade vizinha que ficava a 12 km do sítio, então era meio sofrido. E, dali eu vim para cá [Curitiba]. Daí fiquei um mês desempregado e já passei no concurso, quando era setembro eu já estava empregado. (E2)

Seis dos nove entrevistados que ingressaram na Polícia Militar até o ano de 2011, tinham o Ensino Médio completo e, os demais entrevistados (em número de três) tiveram acesso ao Ensino Superior antes mesmo de ingressar na corporação. Dos seis entrevistados que ingressaram na corporação tendo como formação inicial o Ensino Médio, cinco deles chegaram a ingressar na faculdade, sendo que um ainda não tinha concluído seu curso superior, um estava em fase de conclusão do Mestrado e outro estava concluindo cursos de especialização.

O CONVÍVIO COM OUTROS POLICIAIS MILITARES

Após o período de formação acadêmica, os policiais, ainda em formação, realizam estágios operacionais, acompanhando policiais com mais experiência no atendimento e contato com a população. Após esta etapa, é que deixam de ser estagiários e passam a trabalhar na mesma condição que os demais. O período de estágio e os primeiros momentos de atendimento na rua, após a conclusão da formação, são marcantes na construção da identidade profissional dos policiais militares novatos, pois é nessa etapa que se inicia os processos de convívio real e possíveis trocas de experiências com os policiais “antigos”. Esse processo trouxe dois pontos de destaque: a relação de mútua dependência entre os policiais e as possibilidades de aprendizado dos policiais novatos com os policiais antigos.

A mútua dependência foi retratada pelos entrevistados no sentimento de união que a profissão proporciona. Esta união é indicada sob dois aspectos: a necessidade de que os profissionais sejam “companheiros” uns dos outros nas atividades realizadas e a importância de que entre eles haja uma parceria que os faça ser menos individualistas. A fala de um dos entrevistados nos permite compreender este cenário.

... um depende do outro, um precisa do outro... é meio insano às vezes você pensar que está, por exemplo, numa troca de tiros, e o outro está com um armamento muito maior e você olha do lado e o seu companheiro está atirando, atirando, atirando e você ... o primeiro pensamento de sobrevivência (...). Mas você acaba indo ao confronto para cooperar com o outro. Você acaba pensando além do instinto de sobrevivência. Eu acho bem interessante, bem valioso, esta experiência de viver com o outro, se importar com o outro. Eu acho bem válido para vida, é uma experiência que muitas pessoas comuns, digamos assim, não militares, não vivenciam durante a experiência de vida deles. (E4)

A dependência mútua é tão significativa na atividade policial militar, na visão de um dos entrevistados, que até a segurança pessoal, através das respostas de sobrevivência como de fuga ou esquiva em casos de perigo acabam sendo substituídos por atitudes de enfrentamento para a defesa do outro, chegando a “ultrapassar o instinto de sobrevivência”. Tal atitude na visão do entrevistado é algo que caracteriza profissionais militares. O espírito de grupo também é destacado como uma característica militar, em que o corpo e em que a mente foram preparados e que somente “guerreiros” dariam conta de tais vivências. Atitudes como a de “saber dividir com o outro” e ser menos individualista contribuem para o companheirismo, segundo os entrevistados.

... o tempo de escola você não tem o conhecimento geral do que é ser polícia, então eles te ensinam como funciona o militarismo assim, de certa forma que seria a união de todos ali... porque o que nós passamos ali. Não desmerecendo, mas se fosse qualquer um do povo, um civil não suportaria tudo aquilo ali. Só você sendo guerreiro mesmo. Porque o teu corpo foi preparado, a tua mente foi preparada para aquele momento. Acho que é mais espírito de grupo, uma união, um corporativismo, mesmo entre nós militares. (E1)

As relações com os companheiros com mais tempo de profissão também proporcionam aprendizados que contribuem para a construção da identidade de profissional policial militar. As experiências relatadas pelos entrevistados foram desde as mais positivas em que houve um processo de transmissão efetiva de conhecimentos da prática cotidiana do policial antigo ao policial recruta, até situações em que o policial mais novo notava que a atuação do mais antigo era inadequada com que tinha aprendido durante a fase teórica do seu curso de formação. Apresentamos na sequência três trechos de entrevistas com diferentes concepções sobre a relação entre policiais recrutas, os novatos, e policiais antigos.

... depende muito de quem você pega como parceiro: alguns eram bons, outros eram ruins. Teve um soldado que eu falo, assim, que foi um paizão para todo mundo. A forma que ele trabalha, que ele mostrou para gente como funciona na rua, isso eu levo até hoje para mim. Outro, assim que eu acho que foi muito ruim, eu acabo nem...[levando em consideração] (E9)

O que mais eu me recordo de todo o tempo, foi à primeira vez que eu fui trabalhar na rua com o soldado Pedro. A gente entrou na viatura, ele começou a falar... “Tá vendo aquele poste ali... aborda”... daí ele posicionava a gente

de uma forma de rua. Aquilo foi incrível para mim, eu respeito o cara até hoje por causa da primeira semana com o cara. Ele era soldado que viveu muitas ocorrências, então ele sabia o que ele tava falando, ele tinha conhecimento. Ele passou coisas que a gente não recebeu na escola inteira, sabe. (...) A experiência de rua dele foi foda, e ele está na rua até hoje... (E6)

Até uma conversa... pode ser... "ah, naquela ocorrência eu agi desta forma", pode servir de parâmetro para minha ocorrência futura. Então, tudo é aprendido e acontece através das relações entre as pessoas (E4)

OS IMPACTOS DA VIDA POLICIAL MILITAR

Os relatos dos entrevistados indicam uma série de alterações em suas vidas após o ingresso na Polícia Militar. Agrupamos estas alterações, relatadas pelos entrevistados, em três aspectos: mudanças estéticas, de rotina e nas relações sociais.

As mudanças estéticas estão ligadas às novas formas de falar, somando-se ao estilo próprio de falar dos policiais militares de maneira firme, polida e em obediência à hierarquia, às novas posturas corporais e ao uso da farda. Alguns relatos dos entrevistados sinalizam estas mudanças.

Cabelo, fardamento tinha que ser impecável, a maneira de andar tinha que ser impecável, tudo lá tinha que ser impecável e, principalmente, em termos de fardamento, postura era bastante cobrado. (E2)

Foi uma adaptação às regras que eram impostas e que ao mesmo tempo eu tinha que cumprir. (...) Primeiro de asseio pessoal, que tinha que estar com o cabelo... (aponta para o próprio cabelo) e no mundo civil eu já era mais largado. (E8)

Você se sente o super-homem, veste aquela farda ali... na verdade é a responsabilidade, além de você sentir elogiado por estar ali, saber que muita gente queria estar no teu lugar e não consegue, porque os concursos são muito concorridos. Você valorizar. É uma coisa assim que fica para a vida inteira. Você pega fotos antigas recordando ali e vê que a história é bacana. (E2)

...você colocou a farda, você alinha os ombros e já começa a prestar atenção mais no restante do ambiente em que está. (E4)

A segunda mudança é na rotina, na qual os entrevistados destacaram que a vida policial militar trouxe, como impacto, a atenção e o cuidado com a organização pessoal e com a disciplina nos horários.

Acho que toda cobrança é válida, por causa de farda, de chegar atrasado, fui cobrado por não usar algumas coisas obrigatórias, por não andar da maneira que se deve, por não andar direito e tudo foi válido. A cobrança foi válida, porque depois do atraso nunca mais cheguei atrasado, da farda passei a andar com a farda sempre certinha... (E7)

O primeiro foi organização, eu sempre fui meio desorganizado, lá eu aprendi, a organizar mais as coisas, a manter pelo menos o ambiente em comum, onde todos convivem, organizado... (...) A disciplina de horários, eu gosto muito

de seguir, eles são bem rigorosos nesse negócio de chegar no horário e de ficar pronto rápido. Então, eu acabei me acostumando tanto com isso que não consigo me enrolar mais. (E5)

A terceira mudança indicada, pelos participantes, foram as das relações sociais, uma vez que sua profissão alterou o modo como passaram a se relacionar com os seus amigos e até mesmo com a família.

... o convívio familiar mudou bastante... tinha coisas que você se reserva a não fazer quando você é militar, você muda algumas características como pessoa. Algumas pessoas que a gente anda, a gente não anda mais, então essa parte que é uma mudança que diz da vida militar. (E3)

Eu vejo que o meu emprego em si impacta mais na minha vida familiar, do que o dela [da esposa] ou o da minha filha mais velha. (...) A gente vai num restaurante e fica olhando o lugar que seja mais seguro e fica tentando antecipar as coisas, conversa sobre possíveis coisas que possam acontecer (...), de antecipar, para proteger. E outra coisa é minhas escalas que... hoje elas já estão bem acostumadas, elas já sabem que não podem contar 100%... Ou pela nossa profissão de polícia, pode acontecer de eu sair daqui de dentro na rua e dar alguma ocorrência e acaba se estendendo, né... e foge do meu controle. (E8)

DIMENSÕES PSICOSSOCIAIS NA BUSCA PELA PROFISSÃO

As categorias indicadas anteriormente, foram analisadas no sentido de compreender as seguintes dimensões psicossociais: condições de trabalho, aspectos educativos e situações cotidianas vivenciadas pelos profissionais, e possíveis impactos no atendimento à população.

No estudo de Rosemberg (2010) sobre a Polícia Militar de São Paulo, observa-se que os critérios para seleção dos policiais, entre os anos de 1868 e 1896, eram reduzidos já que as corporações eram procuradas por homens em condições financeiras difíceis, uma vez que buscavam roupas, alimentação e moradia, ou seja, condições mínimas de subsistência. Já Albuquerque e Machado (2001), ao estudarem a Polícia Militar da Bahia, em fins do século XX e início do XXI, indicam que a busca da profissão policial continua a ser encarada como possibilidade de ascensão econômica e social.

Os recrutas são oriundos predominantemente da classe média baixa, residentes, em geral, em bairros próximos de onde se situa a APM, numa área urbana pouco valorizada de Salvador. São jovens que bateram na porta da Academia com o sonho da ascensão social que, de outro modo, não poderiam alcançar, já que suas famílias não dispõem de condições financeiras para custear-lhes estudos, e favorecer, assim, seu ingresso nas vagas disputadas das Universidades públicas do Estado. (ALBUQUERQUE, MACHADO, 2001, p.216)

Uma das possíveis consequências que pode explicar a variedade de escolarização na busca por formações superiores pode não ter trazido impactos diretos sobre a atuação

policial, uma vez que os cursos buscados pelos entrevistados estariam voltados para o exercício de uma atividade profissional diferente da policial militar.

Quanto à escolaridade dos policiais militares e suas condições de trabalho, nota-se que até o ano de 2012 existia uma legislação específica que bonificava financeiramente os policiais militares que tivessem curso superior completo, independente da área do saber. Posteriormente, essa legislação foi revogada e em 2018, uma nova legislação passou a considerar os cursos superiores e de especialização realizados por soldados e cabos também para efeito de promoções na carreira. Tais situações ligadas às condições do trabalho policial repercutiram no cotidiano de pelo menos duas maneiras: os policiais buscam os cursos por conta própria com a expectativa de bonificação (entre os anos de 2005 e 2012) e, além dessa possibilidade, alguns desses cursos procurados poderiam contribuir para que os policiais olhassem para o exercício de outras profissões, externas à polícia.

Do ponto de vista educativo, as bonificações funcionaram como espécie de “isenção” da corporação no oferecimento de qualificação profissional. Do ponto de vista psicossocial, o aumento do nível de escolaridade não possibilitou necessariamente um fortalecimento da identidade do profissional enquanto policial militar. Quanto às expectativas e impactos no atendimento à população pode-se perceber que a mudança no nível de escolaridade não parece trazer um impacto direto sobre o atendimento à população, ao mesmo tempo em que a busca por tais cursos é motivada para beneficiar o próprio policial, seja pela expectativa de bonificação ou pelo planejamento de uma atividade fora da polícia. Apesar disso, entendemos que a mudança de escolaridade e a possibilidade de acesso a conhecimentos variados pode ser um importante meio, se devidamente processado por estratégias de gestão de pessoas, para impactar o atendimento à população.

A seguir, apresenta-se uma síntese dos aspectos importantes na busca pela profissão e mudanças de escolaridade, em função das dimensões psicossociais analisadas (condições de trabalho, aspectos educativos e cotidiano, e impacto no atendimento à população).

Dimensões psicossociais	Categoria: Busca pela profissão e mudança de escolaridade	
Condições de trabalho	Estabilidade do concurso	Bonificações financeiras e/ou de promoção para profissionais com maior nível de instrução.
Aspectos educativos e cotidianos	Evitação do desemprego	Aumento da escolaridade com o aumento do tempo de serviço. Investimento particular do policial em formações fora da corporação.
Impactos no atendimento à população	A busca pela carreira não representa identificação direta com a profissão	Não se nota um impacto direto no atendimento à população.
A busca pela profissão e o aumento do nível de escolaridade não necessariamente indicam um fortalecimento da identidade do profissional enquanto policial militar.		

QUADRO 01- Dimensões psicossociais da busca pela profissão e das mudanças de escolaridade nos policiais militares entrevistados

Fonte: Freitas, Viana (2021).

“No processo de sua produção, a identidade é influenciada, é determinada pelas atividades que realizamos e pelas características e papéis que nos são atribuídos e que rejeitamos ou incorporamos como nossos, em vários momentos e ações.” (VIEIRA-SILVA, 2015, p. 316) O modo como os policiais militares, após o acesso aos cursos superiores, incorporaram ou rejeitaram aspectos aprendidos, vivenciados e repetidos em sua profissão inicial e na nova profissão aprendida nos bancos acadêmicos pode vir a ser uma temática para novas pesquisas.

Quanto ao convívio com outros policiais, destaca-se a união e o companheirismo entre policiais militares como sendo um fator que contribui para o fortalecimento da identidade profissional. Observa-se nas falas dos policiais entrevistados que esse aspecto contribui para um distanciamento e certa diferenciação destes com relação aos não militares ou civis. Isso aparece mais fortemente nas expressões “guerreiro”, “um civil não suportaria tudo aquilo” ou “pessoas comuns não vivenciam aquilo”, como elementos demarcadores entre o “nós” e o “eles”. As vivências da atividade policial militar, desde a formação até os atendimentos à população são muito peculiares, havendo códigos e realidades somente partilhadas entre os profissionais da mesma área. No entanto, há de se questionar se a exacerbação desses códigos fortalece ou não o atendimento qualificado à população.

Nota-se que, quando há discussões sobre os atendimentos prestados no turno de serviço, o conhecimento do cotidiano é transmitido com base em experiências vividas, e o relato oral de ocorrências é o modelo de aprendizagem predominante entre os pares. Apesar de relevante, esse modelo carece de mediação de aprendizagem, no sentido de possibilitar uma análise e uma reflexão do cotidiano vivido e partilhado, sob a ótica das aprendizagens da fase acadêmica. Pode-se notar que os aprendizados dessa fase exercem uma grande influência sobre a construção da identidade profissional do policial, já que são suas primeiras experiências e vivências sobre o que é “ser polícia”.

A seguir, é apresentado um quadro com uma síntese sobre o convívio com outros policiais em função das dimensões psicossociais analisadas (condições de trabalho, aspectos educativos e cotidianos e impactos no atendimento à população).

Dimensões psicossociais	Categoria: Convívio com outros policiais	
Condições de trabalho	Relação de mútua dependência	Possibilidades de aprendizado
Aspectos educativos e cotidianos	Sentimento de união e companheirismo da profissão. Repasse de informações conforme as experiências de atendimento são vividas.	Transmissão efetiva do conhecimento por parte do policial mais antigo. Policial novato percebe pontos incoerentes no trabalho do policial mais antigo.
Impactos no atendimento à população	Esteriotipação da relação com não policiais militares	Possibilidade de reprodução de práticas indesejadas no atendimento à população.
O convívio com outros policiais indicam fortalecimento da identidade do profissional enquanto policial militar.		

QUADRO 02- Dimensões psicossociais do convívio com outros policiais segundo os entrevistados

Fonte: Freitas, Viana (2021).

Nota-se que as situações cotidianas vivenciadas são do atendimento às pessoas em situações variadas, sendo que o policial mais antigo tende a tomar a iniciativa na condução do atendimento, enquanto o policial mais novo pode ajudá-lo no processo ou observá-lo. Quanto aos aspectos psicossociais envolvidos, concordamos com Lane (1984) de que “a antiguidade de um membro no grupo lhe atribui poder e direitos sobre os demais, poder este que é ideologizado em termos de ‘experiência, sabedoria, títulos e mesmo dedicação, seriedade, etc.’. (p.90)

Do ponto de vista educativo temos dois aspectos a serem indicados. Um deles, revela que os membros mais antigos já possuem este conjunto de atributos conferidos pelo grupo, notando-se que os policiais mais novos, buscam respeitar a posição dos que estão há mais tempo, seja buscando aprender pela observação ou pela escuta de relatos de ocorrências anteriormente atendidas que conferem um “corpus” de experiências exitosas dos mais antigos aos mais novos. No outro aspecto, não podemos deixar de levar em conta, que os policiais mais novos também verificam atitudes indesejadas nos policiais mais antigos, podendo adotar na sequência ações de rechaço e discordância ou mesmo “normalizar” tais atitudes e encará-las como intrínsecas à profissão.

Quanto à categoria impactos da vida militar, percebe-se que, enquanto condição de trabalho, o policial militar é ensinado a apresentar-se em público da melhor maneira possível, o que se reflete em sua farda impecável, na sua postura, no cumprimento de horários. Sirimarco (2013) analisa o uso da farda como parte do processo simbólico de incorporação no corpo dos relatos e vivências institucionais que identificam o militar com o

grupo ao qual pertence.

A farda é, ao menos à primeira vista, a marca distintiva de um policial. Aquela que o aponta como tal. Imagem da força policial, seu uso desencadeia múltiplos significados. (...) Farda e instituição são – ou pretende-se que sejam – uma coisa só. (...) Como uma segunda pele, ou melhor, uma extensão da própria pele, a vestimenta cobre e descobre, ao mesmo tempo, o corpo; dá indícios daquilo que se é. Como a farda vai unida ao indivíduo, indivíduo e farda constituem um todo. (SIRIMARCO, 2013, p. 35)

A autora aponta que a farda investe de certos poderes a quem a usa, de tal modo que são permitidos ou impedidos determinados comportamentos:

A farda compele o policial a uma nova aprendizagem: como mover-se usando botas, camisa, quepe e acessórios. E, ainda mais, o compele a mover-se, no contexto da instituição e da sociedade, conforme o trajar dessa farda. Para ambas as óticas, policial e civil, a farda se transforma em um tipo de investidura: é seu simples uso o que habilita ou desautoriza práticas e comportamentos, de tal modo que, nesse jogo entre pessoa e farda, já não é tão fácil distinguir quem deve ser merecedor de quem. (SIRIMARCO, 2013, p. 35)

Todos estes aspectos parecem ter reflexos diretos nas situações cotidianas vivenciadas pelos profissionais, uma vez que estes aspectos identitários da profissão em muito transcendem o exercício profissional passando a fazer parte da vida cotidiana e influenciando suas relações com as pessoas de seus círculos de convívio.

A rotina de trabalho dos policiais militares, de modo semelhante a outras profissões, como as de professor, por exemplo, acaba se defrontando com “um perverso subproduto que é o desmanche das fronteiras entre o início e o fim do trabalho, ou seja, ele nunca acaba e sempre invade a vida privada, os seus tempos, os seus espaços e as relações existentes.” (FREITAS, 2003, p. 143). Em relação aos possíveis impactos no atendimento à população, nota-se que o policial militar, mesmo quando fora de seu horário de serviço, tem por referência a sua profissão e coloca-se num estado de vigilância constante e de eterno alerta, já que se caso algo ao seu redor fugir do esperado, alguma atitude ou ação deverá ser tomada.

A seguir, é apresentado um quadro com uma síntese sobre os impactos da vida militar em função das dimensões psicossociais analisadas: condições de trabalho, aspectos educativos e cotidianos e impactos no atendimento à população.

Dimensões psicossociais	Categoria: Impactos da vida policial militar		
Condições de trabalho	Mudanças estéticas	Mudança de rotina	Mudança de relações sociais
Aspectos educativos e cotidianos	Linguagem Postura corporal Uso da farda	Organização pessoal Rotinas Horários	Relações com os amigos Relações familiares
Impactos no atendimento à população	Constante estado de vigilância e de alerta, sentimento de que deve tomar atitudes caso algo fuja do esperado.		
Os impactos da vida policial militar indicam fortalecimento da identidade do profissional.			

QUADRO 03- Dimensões psicossociais dos impactos da vida militar segundo os entrevistados

Fonte: Freitas, Viana (2021).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A procura pela profissão militar foi se alterando ao longo da história, já que os homens que comporiam o corpo de militares, inicialmente eram procurados nos setores menos favorecidos e com menor escolaridade, resultando a escolha por aqueles que se submetiam a realizar os trabalhos policiais (ROSEMBERG, 2010, ALBUQUERQUE, MACHADO, 2001). Assim, se antes havia uma busca pelos homens que iriam compor os quadros da corporação, hoje a procura para o ingresso na carreira policial militar dá-se por meio de concurso e cresce ano a ano. Apesar da mudança na forma de ingresso, há de se considerar que o fator econômico ligado à remuneração e garantia financeira da profissão, relacionada à garantia dos proventos totais na aposentadoria que já acontece em idade jovem e acaba por favorecer a busca por um segundo emprego com nova remuneração, agregando ao salário integral já assegurado, é um ponto de destaque.

Este fator pode ser notado, pela mudança no nível de escolaridade da maioria dos entrevistados quando do ingresso na corporação, que também reforça as chances de ascensão na carreira para patamares mais altos com conseqüente aumento de salário. Tanto o ingresso com base em fatores de ordem econômica como a permanência na instituição militar havendo a possibilidade de ascender em níveis de escolaridade e de carreira leva-nos à reflexão sobre que identidades profissionais - retratadas no tipo de comprometimento com a profissão e com o trabalho em sociedade - tem sido constituídas.

O segundo aspecto liga-se ao relacionamento dos policiais militares recrutas com os policiais militares antigos, assim como aos processos de aprendizagem envolvidos nessas interações. Nota-se que não há uma sistematização específica e compilação dos aprendizados acontecidos, entre os mais novos e os mais velhos, apesar de haver uma intencionalidade educativa a partir da experiência dos mais antigos: que o mais novo saiba realizar as atividades práticas no atendimento às pessoas. Dependendo do nível de envolvimento e responsabilidade com o ensino, o policial mais antigo pode colaborar

muito com o policial mais novo. Entretanto, não podemos esquecer que o ensino, sem uma mediação ética e comprometida com as necessidades concretas ao mundo real das comunidades pode ter como consequência o aprendizado de saberes indesejados e o fortalecimento de uma subcultura policial que em muito diverge do que se espera socialmente e do que se institui em legislações e documentos nacionais e internacionais que tratam do trabalho policial (PONCIONI, 2007).

Por fim, o terceiro aspecto abordado está ligado aos impactos provocados pela transição do mundo civil para a atividade policial militar, a qual se refletiu em mudanças de ordem estética, de rotina e de relações sociais. Em suma, muito dos aspectos presentes na constituição da pessoa até o momento do ingresso na instituição militar, parecem deixar de ter importância ao optarem pela carreira policial militar. Um aspecto destacado no âmbito do convívio com pessoas que faziam parte do círculo de vida dos policiais militares, antes do seu ingresso, referiu-se ao fato de que essas convivências se alteraram, especialmente no campo das relações com amigos e familiares.

Uma possibilidade para propostas e práticas no campo de uma formação comprometida com a realidade concreta, poderia ser a criação de programas de formação para policiais que levem em conta não apenas aspectos ligados à progressão de carreira, mas que tenham como fundamento suas práticas cotidianas, os relacionamentos que estabelecem entre os pares, a inserção nos diferentes espaços das comunidades nas quais atuam, e a mediação que constroem com outros membros da comunidade externa à corporação policial.

A compreensão da constituição de identidade(s), entendendo-a como um processo em movimento e transição (Ciampa, 1984; Lane, 1984), pode contribuir para uma análise mais aprofundada a respeito de aspectos relevantes a serem considerados, também, nas etapas de formação de profissionais. Se outras pesquisas puderem ser realizadas, analisando e refletindo sobre aspectos psicossociais centrais ao processo de formação do policial, dimensões da subjetividade humana também poderão ser considerados, inclusive, como elementos numa agenda de atualização e formação, permitindo que haja uma flexibilidade na constituição da identidade profissional e pessoal.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Carlos de Linhares de; MACHADO, Eduardo Paes. Sob o signo de Marte: modernização, ensino e ritos da instituição policial militar. *Sociologias*, Porto Alegre, n. 5, p. 216-239, June 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-45222001000100010&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 18 Nov. 2019.

BLASIUS, L. A resiliência na formação do policial militar, Dissertação de Mestrado. 84 f. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Educação).- Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2008. Disponível em: http://www.pgge.ufpr.br/teses/M08_blasius.pdf. Acesso em 16 nov. 2019.

_____. Compreensão da violência escolar no âmbito da Polícia Militar do Paraná. 147f. Tese de Doutorado (Doutorado em Educação).- Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2014. Disponível em: <https://www.acervodigital.ufpr.br/handle/1884/62943>. Acesso em 16 nov. 2019.

CIAMPA, Antonio da Costa. Identidade. In LANE, Sílvia Tatiane Maurer & CODO, Wanderley (Eds.). **Psicologia Social: O homem em movimento**. São Paulo, SP: Brasiliense, pp. 58-75, 1984.

DERENUSSON, Fernando C.; JABLONSKI, Bernardo. Sob fogo cruzado: o impacto do trabalho policial militar sobre a família do policial. *Aletheia*, n. 32, 2010.

FREITAS, Maria de Fátima Quintal de. Docência, vida cotidiana e mundo contemporâneo: que identidades e que estratégias de sobrevivência psicossocial estão sendo construídas?. **Educar em Revista**, v. 21, n. 2, p. 137-150, 2003.

FREITAS, Maria de Fátima Quintal de. **Identidade e processo grupal**. Curitiba, 2019. Disciplina ministrada no Programa de Pós Graduação em Educação da –Universidade Federal do Paraná.FPR.

FREITAS, Maria de Fátima Quintal de; PERES, Marcos Roberto de Souza; GOEDERT FILHO, Valdir. Dimensões da prática cotidiana e (des)humanização do policial militar. *Psicol. educ.*, São Paulo, n. 41, p. 51-64, dez. 2015. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-69752015000200004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 16 nov. 2019.

GADOTTI, Moacir. A questão da educação formal/não formal. **Institut International Des Droits De L'enfant (IDE)**. Sion (Suisse), p. 1-11, 2005.

GOEDERT FILHO, Valdir. Práticas comunitárias na Polícia Militar do Paraná? Reflexões nas perspectiva da Psicologia Social Comunitária como processo comunitária. 176f. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Educação).- Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2016. Disponível em : <https://www.acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/47304/R%20-%20D%20-%20VALDIR%20GOEDERT%20FILHO.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em 16 nov. 2019.

GOHN, Maria da Glória. Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. **Ensaio: aval.pol.públ.Educ.**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 50, p. 27-38, Mar. 2006. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40362006000100003&lng=en&nrm=iso>. access on 06 maio 2021. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-40362006000100003>.

KARPINSKI, Marcelo Trevisan. Formação do Oficial da Polícia Militar do Paraná. 126f. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Educação).- Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2013. Disponível em <https://www.acervodigital.ufpr.br/handle/1884/33832>. Acesso em 16 nov. 2019.

LANE, Sílvia Tatiane Maurer O processo grupal. In LANE, Sílvia Tatiane Maurer & CODO, Wanderley (Eds.). **Psicologia Social: O homem em movimento**. São Paulo, SP: Brasiliense, pp. 78-98, 1984.

LANE, Sílvia Tatiane Maurer, & FREITAS, Maria de Fátima Quintal. Processo grupal na perspectiva de Ignacio Martín-Baró: Reflexões acerca de seis contextos concretos. *Revista Interamericana de Psicologia*, 31(2), 293-308, 1997.

MERLINO, A. La entrevista em profundidad como técnica de producción discursiva. In.: MILLÁN, A. M., MERLINO, A. (coord.). *Investigación Cualitativa en Ciencias Sociales*. Buenos Aires, Cengage Learning Argentina, p.112- 132, 2009.

MENANDRO, Paulo Rogério Meira; SOUZA, Lídio de. O cidadão policial militar e sua visão da relação polícia-sociedade. **Psicologia USP**, v. 7, n. 1-2, p. 133-141, 1996.

MINAYO, MCS., SOUZA, ER., and CONSTANTINO, P. Imagem e identidade. In.: MINAYO, MCS., SOUZA, ER., and CONSTANTINO, P., coords. Missão prevenir e proteger: condições de vida, trabalho e saúde dos policiais militares do Rio de Janeiro [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, pp. 153-175, 2008.

MORÉ, C. L. O. O. A “entrevista em profundidade” ou “semiestruturada” no contexto da saúde: dilemas epistemológicos e desafios da sua construção e aplicação. Atas CIAQ, Investigação Qualitativa em Ciências Sociais, v. 3, p. 126-131, 2015. Disponível em: <https://proceedings.ciaiq.org/index.php/ciaiq2015/article/view/158> . Acesso em 17 nov. 2019.

PARANÁ. Concursos encerrados para a Polícia Militar do Paraná. Disponível em: <http://www.pmpr.pr.gov.br/Pagina/Concursos-Encerrados> . Acesso em 18 nov. 2019.

_____. Concursos em andamento para a Polícia Militar do Paraná. Disponível em: <http://www.pmpr.pr.gov.br/Pagina/Concursos-em-Andamento>. Acesso em 06 maio 2021.

PERES, Marcos Roberto de Souza. Concepções de cadetes da Polícia Militar do Paraná sobre futuras práticas profissionais: um estudo psicossocial a respeito das expectativas quanto à atuação na comunidade e nas Unidades Paraná Seguro. 262f. Tese de Doutorado (Doutorado em Educação) .- Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2019. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/63405/R%20-%20T%20-%20MARCOS%20ROBERTO%20DE%20SOUZA%20PERES.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em 16 nov. 2019.

_____. Retratos das Unidades Paraná Seguro em notícia: repercussões psicossociais e pedagógicas. 190f. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Educação).- Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2015. Disponível em <https://www.acervodigital.ufpr.br/handle/1884/40108> . Acesso em 16 nov. 2019.

PEROVANO, Dalton Gean. Concepção dos instrutores do programa educacional de resistência às drogas e a violência sobre a sua formação. 205f. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Educação).- Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2006. Disponível em <https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/14444/Dissert.%20Dalton.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em 16 nov. 2019.

PONCIONI, P. Tendências e desafios na formação profissional do policial no Brasil. **Revista Brasileira de Segurança Pública**, v. 1, n. 1, p. 22–31, 2007.

ROSEMBERG, André. Retrato policial: um perfil da praça de polícia em São Paulo (1868-1896). História, Franca , v. 29, n. 2, p. 95-115, dez. 2010 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-90742010000200006&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 18 nov. 2019.

SIRIMARCO, Mariana. A vida com farda: a vestimenta policial como relato institucional em disputa. **Rev. bras. Ci. Soc.**, São Paulo , v. 28, n. 82, p. 31-43, June 2013 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092013000200003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 30 Nov. 2019.

VIANA, Dênis Wellington. Entre a academia militar e a rua: um estudo sobre a formação e a prática de policiais militares na perspectiva da educação e da psicologia social comunitária. 267f. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Educação).- Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2018. Disponível em <https://www.acervodigital.ufpr.br/handle/1884/58494>. Acesso em 16 nov. 2019.

VIEIRA-SILVA, Marcos. Práticas em psicologia comunitária e processos de mobilização social: provocações para um debate. Pesquisas e Práticas Psicossociais, v. 10, n. 2, p. 292-300, 2015. Disponível em: http://seer.ufsj.edu.br/index.php/revista_ppp/article/view/Vieira-Silva. Acesso em 16 nov. 2019.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Abuso sexual 50, 54, 57, 58, 60, 61

Adolescentes 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 71, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 102, 108, 183

Auto da Compadecida 1, 2, 3, 4, 7, 8, 11, 12

Autoestima 89, 91, 92, 102, 105, 106, 107, 108, 109, 110

B

Bibliometria 14, 16, 17, 19, 23, 24, 25

C

Carnavalização 1, 3, 4, 6, 7, 8, 10, 11, 12

Comicidade 1, 3, 4, 5, 7, 11, 12

Contextos externos 89, 107

COVID-19 35, 39, 42, 43, 44, 45, 46, 48, 49, 55, 56, 59, 62, 63, 64, 67, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 81, 83, 84, 85, 87, 161, 177

Cultura 2, 4, 5, 7, 12, 13, 35, 49, 57, 89, 90, 91, 102, 103, 107, 108, 109, 111, 112, 114, 115, 116, 117, 118, 121, 130, 133, 158, 161, 192, 206, 216

D

Decolonial 14, 15, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24

Deslocamento 68, 111, 117, 206

DSM-V 196, 197, 199, 203, 206

E

Educação formal 156, 171

Educação informal 156

Educação não formal 156

Envelhecimento 122, 124, 125, 132, 133, 136, 137

Equipe de contabilidade 185, 186, 187, 193

Espiritualidade 86, 174, 176, 183, 184

Estado 6, 15, 32, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 49, 51, 53, 55, 57, 61, 62, 65, 66, 70, 72, 91, 93, 94, 116, 123, 124, 136, 140, 145, 146, 147, 148, 150, 153, 156, 160, 164, 168, 169, 177, 200, 202

F

Feminismo decolonial 14, 15, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23

Fenomenologia 85, 174, 184

I

Identidade 5, 29, 91, 97, 102, 109, 117, 122, 127, 129, 131, 136, 151, 152, 153, 156, 157, 159, 160, 161, 162, 165, 166, 167, 169, 170, 171, 172, 178, 181, 182, 198, 207

Idosos 40, 65, 102, 108, 110, 122, 123, 124, 125, 126, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137

Instituições de longa permanência 122, 123, 124, 125, 126, 129, 131, 134, 135, 136, 137

Intervenção 39, 42, 57, 107, 138, 142, 146, 149, 179, 212

Isolamento social 38, 39, 45, 54, 55, 56, 58, 59, 63, 65, 71, 74, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 84, 85, 87, 88, 106, 126, 134

K

Kurt Lewin 26, 27, 28, 29, 31, 34

L

Lazer 36, 52, 57, 68, 76, 77, 81, 86, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 132, 136

Liderança 26, 31, 32, 185, 193

M

Manifestações 1, 5, 6, 7, 26, 27, 28, 30, 31, 32, 34, 58, 91, 175

Moradia 36, 122, 123, 125, 135, 137, 164

Morte 35, 40, 44, 45, 46, 47, 51, 53, 64, 75, 82, 85, 100, 124, 129, 130, 137, 139

Mulher afrodescendente 89, 92, 97, 106, 107, 109

N

Necroliberalismo 42

Necropolítica 35, 36, 37, 38, 40, 42, 43, 44, 46, 48, 49

P

Pandemia 35, 39, 40, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 55, 56, 57, 59, 62, 63, 64, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 73, 74, 75, 76, 77, 80, 81, 83, 84, 85, 86, 87, 161, 177, 193, 200, 214

Personalidade 29, 33, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195

Poder popular 26, 28

Práticas cotidianas 156, 170

Prisões 126, 130, 136, 138, 140, 144, 146, 147, 150

R

Refugiados 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121

Reintegração social 111, 114, 120, 138, 140, 141, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150

Religiosidade 152, 174, 176, 180, 182, 183, 184, 195

Resistência política 1

S

Saúde emocional 62, 63, 64, 65, 66, 70, 71, 72

Saúde mental 32, 33, 62, 64, 65, 66, 69, 71, 72, 73, 75, 81, 84, 85, 124, 137, 140, 174, 175, 176, 177, 181, 182, 183, 187, 211, 212

Segurança pública 46, 55, 140, 150, 156, 172

Sistema prisional 138, 139, 141, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150

Soberania 15, 27, 35, 36, 37, 40, 47

Sociologia 12, 48, 150, 196, 197, 198, 207

T

Teste palográfico 185, 186, 187, 189, 190, 191, 193, 195

Transtorno do Espectro Autista (TEA) 196, 197, 199

U

Universitários 62, 63, 64, 65, 67, 69, 70, 71, 72, 73

V

Vazio existencial 74, 75, 76, 80, 83, 84, 86

Velhice 122, 123, 124, 130, 131, 132, 133, 134, 136

Vida 3, 6, 7, 8, 15, 27, 32, 35, 36, 37, 38, 40, 42, 44, 45, 46, 47, 51, 53, 57, 63, 65, 66, 68, 71, 74, 75, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 91, 95, 98, 102, 103, 106, 107, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 118, 119, 120, 122, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 141, 147, 153, 156, 157, 159, 160, 162, 163, 164, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 177, 187, 190, 194, 196, 197, 198, 201, 202, 208, 209, 213, 214

Violência contra crianças e adolescentes 50, 52, 53, 57, 59

Violência sexual infantil 50, 61

A psicologia no Brasil: Teoria e pesquisa

🌐 www.atenaeditora.com.br
✉ contato@atenaeditora.com.br
📷 @atenaeditora
📘 www.facebook.com/atenaeditora.com.br

2



Atena
Editora
Ano 2022

A psicologia no Brasil: Teoria e pesquisa

🌐 www.atenaeditora.com.br
✉ contato@atenaeditora.com.br
📷 @atenaeditora
📘 www.facebook.com/atenaeditora.com.br

2



Atena
Editora
Ano 2022